# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7

[1] TARBELL, I. M., "History of Standard Oil Company". Disponível em: <www.history.rochester.edu>. Acesso em: 20 de outubro de 2007.

[2] WILLIAMSON, H. F., ANDREANO, R. L., MENEZES, C. "The American Petroleum Industry". NBER, National Bureau of Economic Research New York, Columbia University Press, 1966.

[3] MOHITPOUR, M., GLOVER, A., TREFANENKO, B., "Pipeline Report: Technology Advances Key Worldwide Gas Pipeline Developments". Oil and Gas Journal, Vol. 26, November 2001.

[4] History of Defect Assessment. Disponível em <www.penspenintegrity.com/PDAM/pdam\_history.html>. Acesso em: 20 de junho de 2007.

[5] SEN, M., CHENG, J. J. R., MURAY, D. W. "Full-Scale Tests of Cold Bend Pipes". Proceedings of Internacional Pipeline Conference, Alberta, 2004.

[6] BEHBAHANIFARD, M., CHENG, J. J. R., MURRAY, D. W., ZHOU,J., ADAMS, K. "Simulation of Cold Bends by Finite Element Method".Proceedings of Internacional Pipeline Conference, Alberta, 2004.

[7] BILSTON, P. "The Modeling of Compression Buckles Formed During the Cold Field Bending of Line Pipe". Ph. D. Thesis, Department of Civil Engineering, Monash University, 1993.

[8] Disponível em: <a href="http://www.crc-evans.com">http://www.crc-evans.com</a>. Acesso em: 15 de Agosto de 2008.

[9] PETROBRAS. "N-464 - Construção, Montagem e Condicionamento de Duto Terrestre". 2004.

[10] SILVA, R. C., MOREIRA, F., BATISTA, G. Z., HIPPERT JUNIOR,
E., FRITZ, M. C. "Curvamento a Frio de Tubos API 5L X80 de 34" de Diâmetro". 63° Congresso Anual da ABM, Santos, 2008.

[11] API Standard 5L – "Specification for Line Pipe". 44<sup>th</sup> edition, 2008.

[12] Visto em: <www.tenaris.com>. Acesso em: 02 de setembro de 2008.

[13] OCHI, M. K. "Ocean Engineering Series". Vol. 3, pp 353-380, Elsevier, 2001.

[14] MAES, M. A., DANN, M., SALAMA, M. M. "Influence of grade on the Reliability of Corroding Pipelines". Reliability Engineering & System Safety, n° 93, pp 447-455, 2008.

[15] BAI, Y., BAI, Q. "Subsea Pipelines and Risers". 1<sup>a</sup> Edição, Elsevier, 2005.

[16] BATISTA, G. Z., SOUZA, L. F. G., BOTT, I. S., RIOS, P. R.
"Avaliação da Microestrutura e Propriedades Mecânicas de Tubo API 5L X80
Submetido a Curvamento por Indução". Tecnologia em Metalurgia e Materiais, v.
3, n. 4, p. 16-22, São Paulo, 2007.

[17] BILSTON, P., MURRAY, N. "The Role of Cold Field Bending in Pipeline Construction". PRCI, 8<sup>th</sup> Symposium on Line Pipe Research, 1993.

[18] MURRAY, N. W. "Stress Analyses of Wrinkle Bends in Pipelines". Thin-Walled Structures, Vol. 17, pp 65-80, 1993.

[19] PETROBRAS. "Projeto Conceitual". MD-4300.38-6521-940-PEN-001, revisão A, 2001.

[20] ASME B 31.3 – "PROCESS PIPING". 2006.

[21] ROSENFELD, M. J., HART, J. D., ZULFIGAR, N. "Development of Acceptance Criteria for Mild Ripples in Pipeline Field Bends". 4<sup>th</sup> International Pipeline Conference, Alberta, 2002.

[22] ROSENFELD, M. J., *et al.* "Acceptance Criteria for Mild Ripples in Pipeline Field Bends". PRCI – Technology for Energy Pipelines, 2003.

[23] MUTHMANN, E., GRIMPE, F. "Fabrication of Hot Induction Bends from LSAW Large Diameter Pipes Manufactured from TMCP Plate". Microalloyed Steels for the oil & Gas Industry International Symposium, Araxá, 2006.

[24] BACCHI, L., BARSANTI, L., HILLENBRAND, H., G., MUTHMANN, E. "First X80 Pipeline Section in Italy". PRCI/EPRG/APIA Technical Conference, Orlando, 2005.

[25] Visto em <www.protubo.com.br>. Acesso em: 05 de agosto de 2008.

[26] NASCHPITZ, L., VIEIRA, C. R. T., HASHIMOTO, N. "Qualificação de curvamento de Tubos API 5L X70 PSL 2 – Diâmetro de 28" x 0,625" WT pelo processo de Indução por Alta Frequência". Visto em: <http://www.gasnet.com.br/novo\_novidades\_veiw.asp?tipo=gasoduto&cod=481> Acesso em 27 de setembro de 2008. [27] BATISTA, G. Z. "Curvamento por indução de tubo da classe API 5L X80". Dissertação de Mestrado, Departamento de Ciências dos Materiais e Metalurgia, PUC-Rio, 2006.

[28] NBR 15273. "Indústria de Petróleo e Gás Natural – Curvas por Indução para Sistemas de Transporte por Dutos", ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2005.

[29] CRC-EVANS. "Technical Manual: Pneumatic Wedge Mandrel". Equador, 2005.

[30] CRC-EVANS. "Pipiline Equipment Sales Catalog". 2008.

[31] KYRIAKIDES, S., JU, G. T. "Bifurcation and Localization Instabilities in Cylindrical Shells under Bending – I. Experiments". International Journal Solids Structures, Vol. 29, N° 9, pp 1117-1142, Britain, 1992.

[32] KYRIAKIDES, S., CORONA, E. "Mechanics of Offshore Pipelines – Volume 1: Buckling and Collapse". Elsevier, Oxford, 2007.

[33] JU, G. T., KYRIAKIDES, S. "Bifurcation and Localization Instabilities in Cylindrical Shells under Bending – II. Predictions". International Journal Solids Structures, Vol. 29, N° 9, pp 1143-1171, Britain, 1992.

[34] VITORIA, P. R. "Flambagem Local de Dutos Sujeitos a Carregamentos Combinados". Dissertação de Mestrado, Departamento de Engenharia Civil, PUC-Rio, 2001.

[35] BRAZIER, L.G. "On the Flexure of Thin Cylindrical Shells and Other "Thin" Sections". Proceedings of Royal Society, Series A 116, pp. 104-114, 1927.

[36] CALLADINE, C. R. "Theory of Shell Structures", Cambridge University Press, Cambridge, p. 595, 1983.

[37] MACHADO, A. C. "Um Elemento Finito de Tubo Tridimensional para Análise Geométricamante Não Linear de Dutos". Dissertação de Mestrado, Departamento de Engenharia Civil, UFAL, 2006.

[38] CHARNAUX, C. R. "Influência da Instalação de Sapatas de Anodo Sobre a Flambagem de Dutos Sujeitos ao Enrolamento". Dissertação de Mestrado, Departamento de Engenharia Mecânica, PUC-Rio, 2008.

[39] DINOVITZER, A., FREDJ, A., LAZOR, R., DOBLANKO, R. "Development and validation of a Pipeline Bucle and Wrinkle Assessment Model". Proceedings of Internacional Pipeline Conference, Alberta, 2004. [40] REIS, A., CAMOTIM, D. "Estabilidade Estrutural". Lisboa, McGraw-Hill, 2001.

[41] MURRAY, D. W. "Local Buckling, Strain Localization, Wrinkling and Postbuckling Responce of Line Pipe". Engineering Structures, vol 19, n° 5, pp 360-371, 1997.

[42] SUPERB (1996), "Buckling and Collapse Limit State", December 1996. In: BAI, Y., BAI, Q. "Subsea Pipelines and Risers", Editora Elsevier, 1<sup>a</sup> Edição, 2005.

[43] CHAKRABARTI, S. "Handbook of Offshore Engineering". Vol 2, Elsevier, Oxford, 2005.

[44] API 1111 – "Design, Construction, Operation, and Maintenance of Offshore Hydrocarbons Pipelines (Limit State Design)". 3<sup>rd</sup> edition, 1999.

[45] DNV OS-F101 – "Submarine Pipeline Systems". 2000.

[46] NBR 12712 – "Projeto de Sistemas de Transmissão e Distribuição de Gás Combustível". ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2002.

[47] Code of Federal Regulation Title 49. Part 192 e 195. "Transportation Chapter I Research and Special Programs, Department of Transportation". Estados Unidos da América, 2001.

[48] AS 2885.1 – "Pipelines Gas and Liquid Petroleum – Design and Construction", 2007.

[49] API Standard 1160 – "Managing System Integrity for Hazardous Liquid Pipeline". 2001.

[50] API Standard 1163 – "In-Line Inspection Systems Qualification Standard". 2005.

[51] ISO 13623 – "Petroleum and Natural Gas Industries Pipeline Transportation Systems". 2000.

[52] MEDEIROS, J. "Normas Técnicas de Tubulações Industriais". Notas de aula do curso de especialização em Tubulações Industriais, Promimp – PUC-RIO, 2008.

[53] ASME B 31.4 – "Pipeline Transportation Systems for Liquid Hydrocarbons and Other Liquids". 2006.

[54] ASME B31.8 – "Gas Transmission and Distribution Piping Systems". 2007.

[55] ASME B31.8S – "Managing System Integrity of Gas Pipelines Supplement to ASME B31.8". 2001.

[56] COSHAM, A., HOPKINS, P.. "Pipeline Defect Assessment Manual (PDAM)". 2003.

[57] SELL, L. L. "Comprehensive Technical Dictionary". McGraw-Hill, 1973. In: FREIRE, J. L. F. "Critérios de Aceitação de Enrugamentos em Curvas de Dutos Formadas por Conformação de Tubos Retos". Relatório para a CCDL Ltda, 2005.

[58] API 571. "Damage Mechanisms Affecting Fixed Equipment in the Refining Industry". API, 2003.

[59] MANFREDI, C., OTEGUI, J. L. "Failures by SCC in Buried Pipelines". Engineering Failures Analysis, n° 9, pp 495-509, 2002.

[60] GENTIL, V. "Corrosão". Ed. LTC, 5ª edição, 2007.

[61] OLIVER, J. H. L., SOUZA, B. G. "Avaliação da Suscetibilidade de Corrosão Sob Tensão (CST) em Duto Sujeito à Movimentação de Solo". 6ª Conferência sobre Tecnologia de Equipamentos, Bahia, 2002.

[62] ÁVILA, M. A. V. "Análise de Integridade Estrutural de Dutos com Mossas Simples". Dissertação de Mestrado, Departamento de Engenharia Mecânica, PUC-Rio, 2007.

[63] DIETER, G. E. "Mechanical Metallurgy", McGraw-Hill, 1961.

[64] PASTOUKHOV, V. A., VOORWALD, H. J. C. "Introdução à Mecânica de Integridade Estrutural". Editora da Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 1995.

[65] BASTIAN, F. L. "Mecânica da Fratura", COPPE/UFRJ, Notas de Aula, Engenharia Metalúrgica e de Materiais, 2004.

[66] CALLISTER, W. D. "Materials Science and Engineering: an Introduction". 5<sup>th</sup> edition, John Wiley & Sons, 1999.

[67] CRANDALL, S. H., DAHL, N. C., LARDNER, T. J. "An Introduction to the Mechanics of Solids". McGraw-Hill, Singapore, 1978.

[68] CASTRO, J. T. P., MEGGIOLARO, M. A. "Fadiga Sob Cargas Reais de Serviço". PUC-Rio, Engenharia Mecânica, Notas de Aula, 2005.

[69] SHIGLEY, J. E. "Mechanical Engineering Design". 1ª edição métrica, McGraw-Hill, 1986.

[70] MINER, M. A. "Cumulative Damage in Fatigue". Journal of Applied Mechanics". ASME, v. 12, p. A159-A164, 1945.

[71] ASME seção VIII divisão 2. 2007.

[72] API 1156 – "Effects os Smooth and Rock Dents on Liquid Petroleum Pipelines (Phase II)". 1999.

[73] BILSTON, P., MURRAY, N. "Evaluation of Factors Affecting Field Bending Characteristics of Line Pipe". Confidential Proc. Conf. PRC/EPRG 9th Biennial Joint Tech. Meeting on Line Pipe Research Houston, 1993.

[74] MARKL, A. R. C., LOUISVILLE, K. "Fatigue Tests of Piping Components". Artigo nº 51, PET-21, Transaction, ASME, 1952.

[75] FREIRE, J. L. F. "Critério de Aceitação de Enrugamentos em Curvas de Dutos Formadas por Conformação de Tubos Retos". Relatório entregue à CCDL Construção de Dutos Ltda. 2005.

[76] MOAVENI, S. "Finite Element Analysis, Theory and Applications with ANSYS". Prentice Hall, New Jersey, 1999.

[77] WEIB, E., LIETZMANN, A., RUDOLPH, J. "Linear and Non-Linear Finite Element Analyses of Pipe Bends". International Journal of Pressure Vessels and Piping, vol. 67, pp 211-217, 1996.

[78] SORIANO, H. L. "Método de Elementos Finitos em Análise de estruturas". Editora Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

[79] FELIPPA, C. A. "Introduction to Finite Element Methods". Notes for the Course Introduction to finite Elements Methods, University of Colorado, Colorado, 2001.

[80] SILVA, M. C., HIPPERT, E., RUGGIERI, C. "Experimental Investigation of Ductile Tearing Properties for API X70 and X80 Pipelines Steels". Proceedings of ASME Pressure Vessels and Piping Division Conference, Colorado, 2005.

[81] TIMOSHENKO, S. P. "Strength of Materials". 3<sup>rd</sup> edition, D. Van Nostrand Company, 1965.

[82] ROYLANCE, D. "Stress-Strain Curves". Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, Notas de Aula, 2001.

[83] HIBBIT, KARLSSON & SORENSEN. "Getting Started with ABAQUS: Version 6.5", 2004.

[84] XIANG, Y., VLASSAK, J. J. "Bauschinger Effect in Thin Metal Films", Scripta Materialia vol. 53, pp 177-182, 2005.

[85] WILLIANS, D. N. "Investigation of Wrinkling at Low Bend angles During Field Bending Line Pipe". PRCI – Technology for Energy Pipelines, 1985.

[86] RUGGIERO, M. A., LOPES, V. L. R. "Cálculo Numérico: Aspectos Teóricos e Computacionais". Editora McGraw-Hill, 1988.

[87] BRANDAO, M. O. "Análise do Contato de Superfícies Metálicas Rugosas Aplicada a Válvulas de Esfera de Bloqueio". Dissertação de Mestrado, Departamento de Engenharia Oceânica, COPPE/UFRJ, 2007.

[88] CORONA, E., LEE, L. H., KYRIAKIDES, S. "Yield Anisotropy Effects on Buckling of Circular Tubes under Bending". International Journal of Solids and Structures, 43, pp 7099-7118, 2006.

[89] KUPREWICZ, R. B. "Preventing Pipeline Releases". Washington City and County Pipeline Safety Consortium, 2003.

**APÊNDICE I** 

#### Apêndice I

Os calculos executados estão aqui apresentados para cada um dos métodos de fadiga empregados. Para detalhes sobre as equações utilizadas ver seção 2.5.4.

#### Cálculo de Vida em Fadiga segundo Markl

i := 1	Fator de concentração de Markl					
C:= 245000						
x := 5 j := 1 x	São cinco casos de amplitude de tensão a serem estudados, um para cada um dos casos listados.					
S. :=	Gama de tensão - unidade em psi					
$     \begin{array}{r}       0.529 \times 10^{5} \\       1.951 \cdot 10^{4} \\       1.82 \cdot 10^{4} \\       1.965 \cdot 10^{4} \\       2.364 \cdot 10^{4}     \end{array} $	Tensao <sub>j</sub> := Tensões encontradas para coversão de unidades Tensao := $(Tensao \cdot MPa)$ $\frac{269}{2}$ $\frac{269}{2}$ $\frac{251}{2}$ $\frac{271}{2}$ $\frac{326}{2}$ $\frac{326}{2}$ $\frac{326}{2}$ $Tensao := (Tensao \cdot MPa)$ $rensao := (Tensao \cdot MPa)$					



1.2.105

Equação proposta por Markl [74]

Vida em fadiga para cada um dos casos segundo Markl.



Cálculo de Vida em Fadiga segundo Rosenfeld para Markl



propostos por Rosenfeld [21, 22]

Vida em fadiga para cada um dos casos segundo equação de Markl modificada por Rosenfeld

#### Cálculo de Vida em Fadiga segundo SCF de Rosenfeld Aplicado à Fadiga Baixo Ciclo - Caso IV

SCF := 2.93

SMYS := 70

E := 30000

 $\Delta \sigma c := 0.8 \cdot SMYS$ 

Pneuber :=  $(SCF)^2 \cdot \frac{\Delta \sigma c^2}{-}$ 

Pneuber = 0.897

Kc := 137.9 nc := 0.12

 $\Delta \sigma := 90$ 

 $\Delta \varepsilon \coloneqq 3.80{\cdot}10^{-3}$ 

Given

 $\Delta\epsilon{\cdot}\Delta\sigma-\text{Pneuber}=0$ 

0

Æ = Find( $\Delta \varepsilon, \Delta \sigma$ ) Equação de Neuber

Tensão nominal gerada

Módulo de elasticidade (ksi)

Fator de concentração de tenção

proposto por Rosenfeld [21, 22]

Limite de escoamento do material (ksi)

Coeficiente de encruamento cíclico determinados por Freire [75]

Expoente de encruamento cíclico determinados por Freire [75]

Valor inicial dado para resolução do sistema

Sistema de equações

$$\frac{1}{2}\Delta\sigma + 2\cdot \left(\frac{\Delta\sigma}{2\cdot Kc}\right)^{nc} - \Delta\varepsilon = 0$$

$$\begin{pmatrix} \Delta \varepsilon \\ \Delta \sigma \end{pmatrix} = \begin{pmatrix} 7.122 \times 10^{-3} \\ 125.997 \end{pmatrix}$$
 Valores de tensão(ksi) e deformação  
no ponto de concentração de tensão.

 $\Delta \varepsilon = 7.122 \times 10^{-3}$ 

 $\varepsilon_1 := \frac{\Delta \varepsilon}{2}$ Amplitude de deformaçãoSu := 82Limite de ruptura do materialRA := 73Redução de área obtida a partir de<br/>experimentos

$$\epsilon f := \ln \! \left( \frac{100}{100 - RA} \right)$$

N1 := 100

Given

Valor inicial de vida dado para solução iterativa

Equação do método das Inclinações Universais de Manson [68, 69]

$$0 = \epsilon 1 - \left[ 3.5 \cdot \left( \frac{Su}{E} \right) (N1)^{-0.12} + \epsilon f^{-0.6} \cdot (N1)^{-0.6} \right]$$

N1 := Find(N1)

 $\mathrm{N1} = 7.004 \times 10^4$ 

Vida em fadiga para o Caso IV

**APÊNDICE II** 

Apêndice II

Todas as tensões possuem unidade em MPa e os passos variam de 1 a 7 conforme apresentado na Tabela 11



Gráfico 18 – Tensões para o nó externo 70 crítico na tensão circunferencial para o Caso II



Gráfico 19 – Tensões para o nó externo 3556 crítico na tensão longitudinal para o Caso II



Gráfico 20 – Tensões críticas Caso II – externo – Nó 70 tensõesdeformações circunferenciais

0

-200

-400

-600



Gráfico 22 - Tensões para o nó 73 interno crítico na tensão circunferencial para o Caso III

Passos

2

4

Mises

5

- Circunferencial Longitudinal

6



Gráfico 23 - Tensões para o nó 4025 interno crítico na tensão longitudinal

para o Caso III



Deformação Total

Gráfico 24 – Tensões críticas Caso III – interno – Nó 73 tensõesdeformações circunferenciais







Gráfico 26 – Tensões para o nó 76 externo crítico na tensão circunferencial para o Caso V



Gráfico 27 - Tensões para o nó 4461 interno crítico na tensão longitudinal

para o Caso V



Gráfico 28 – Tensões críticas Caso V – externo – Nó 76 tensõesdeformações circunferenciais







Gráfico 30- Tensões para o nó 80 externo crítico na tensão circunferencial



Gráfico 31- Tensões para o nó 93 interno crítico na tensão longitudinal para

o Caso VI



Gráfico 32– Tensões críticas Caso VI – externo – Nó 80 tensõesdeformações circunferenciais



Gráfico 33– Tensões críticas Caso VI – interno – Nó 93 tensõesdeformações longitudinais

**APÊNDICE III** 

Apêndice III

A Tabela 24 apresenta os dados de tensão crítica e de fator de concentração de tensão para os nós não apresentados na seção 5.4 (Análise de Fadiga).

Caso Tensão			Região	Interno ou Externo	Amplitude	Concentrador	
	Tensão	Nó			Tensão Crítica (MPa)	de Ten SCF <sub>FEM</sub>	sões SCF <sub>R</sub>
				(IVII d)			
Π	L	3556	Е	Ex	302	1,56	1
_							
III	С	70	В	In	452	1,17	3,34
IV/	C	104	D	Ex	452	1 17	2.02
ĨV	C	104	D	ΕX	433	1,17	2,95
V	С	76	D	Ex	251	1,35	2,92
VI	С	80	D	Ex	564	1,46	2,64

Tabela 24 - Tensão crítica utilizada e seus SCF - complemento à Tabela 20

A Tabela 25 apresenta a vida em fadiga para os elemento não apresentados na seção 5.4 (Análise de Fadiga).

22

	Amplitude	Vida em fadiga para cada SCF (N)				
Caso	Tensão	Markl ASME		ME		
	(MPa)	$M_{Padrão}$	SCF <sub>FEM</sub>	SCF <sub>R</sub>		
II	302	1,8 x 10 <sup>5</sup>	5,4 x 10 <sup>5</sup>	1,0 x 10 <sup>6</sup>		
III	452	2,3 x 10 <sup>4</sup>	3,4 x 10 <sup>4</sup>	638,3		
IV	453	2,3 x 10 <sup>4</sup>	3,3 x 10 <sup>4</sup>	899,9		
V	251	4,4 x 10 <sup>5</sup>	>1,0 x 10 <sup>6</sup>	906,3		
VI	564	7,7 x 10 <sup>3</sup>	2,9 x 10 <sup>4</sup>	1,2 x 10 <sup>3</sup>		

Tabela 25 – Vida em fadiga para elementos críticos – complemento à Tabela

**APÊNDICE IV** 

Fluxograma com metodologia para verificação da permanência de tubo com presença de enrugamento.



**APÊNDICE V** 



Fluxograma proposto para verificação de vida em fadiga pelo ASME [63].

**APÊNDICE VI** 

#### Apêndice VI

Foi realizada uma verificação da tensão ao longo do raio do tubo em uma região longe do enrugamento. Foi escolhido o caso IV para realização desta verificação. A região escolhida está distante 282,45 mm (11,12") do enrugamento e 308,36 mm (12,14") da borda do tubo. Pode-se observar a região pela Figura 50.



Figura 50 – Localização da região em estudo para tensão ao longo do diâmetro

Foram analisados os nós internos da espessura do tubo, mostrados pela 'linha' marcada na Figura 50.

No Gráfico 34 pode ser visto a tensão longitudinal ao longo dos passos para cada um dos nós da circunferência. A série 1 é o primeiro nó da face compressiva e a série 80 é o último nó da face trativa.

Observa-se pelo gráfico que parte dos nós tem comportamento trativo durante o passo 1 (curvamento) e outra parte tem comportamento compressivo. Este é o comportamento esperado por uma região do tubo sofrer tração e outra compressão durante a flexão, processo de curvamento.



Gráfico 34 - Tensão longitudinal a cada passo

O Gráfico 35 apresenta a variação de tensão longitudinal, ao longo da circunferência do tubo, quando o momento aplicado para o curvamento é máximo. Foi modelado meio tubo e por isso o resultado é apresentado até 180°.



Gráfico 35 – Tensão longitudinal ao longo da circunferência quando o momento é máximo

#### Apêndice VI

Observa-se que o ponto de inversão das tensões trativas e compressivas ocorre bem próximo a  $90^{\circ}$ , onde seria a linha neutra da flexão.

O Gráfico 36 mostra a variação de tensão longitudinal ao longo da circunferência do tubo para instantes em que não há aplicação de carga ou há apenas pressão interna atuando.



Gráfico 36 - Variação de tensão ao longo do raio do tubo

No Gráfico 36, a tensão residual é a tensão existente quando não há aplicação de pressão ou qualquer outro tipo de carregamento no tubo. A tensão (80% SMYS) é a tensão existente quando há uma pressão aplicada correspondente a 80% SMYS. A diferença entre elas também pode ser observada no gráfico pela variação de tensão.

Pela literatura de mecânica dos sólidos espera-se que o tubo possua uma região trativa, outra compressiva e um ponto de inversão destas tensões próximo ao meio do tubo, 90°. Pela linha de variação de tensão observa-se que esta inversão na tensão ocorre entre 50° e 60°.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0521476/CA

# ANEXO I

Máquina para curvar tubo 'Centurion' [30]. Curva tubos de 22" (559 mm) a 36" (914 mm). O fabricante da máquina, CRC-Evans, apresenta uma tabela, em seu catálogo técnico [30], que contêm ângulos por metro máximo recomendado para cada diâmetro de tubo para cada grau API 5L, parte desta tabela está representada na Tabela 26. A Figura 51 mostra ilustração, do fabricante da máquina de curvamento, para o processo.

Diâmetro	Máxima espessura de parede por grau							
Nominal						Curva recomendada		
O. D.	AFI JL (IIIII)							
						Arco	Raio	Máx. grau
mm (in)	X52	X60	X65	X70	X80	em °/m	(m)	por junta
					(111)	de 12 m		
711 (28")	44,90	37,74	34,33	31,49	27,04	37,70	26,82	17,60

Tabela 26 - Informações CRC-Evans - Máquina 'Centurion' [30]

O fabricante lembra que estes valores são apenas recomendados e que não contituem garantia. São valores 'médios' e podem variar de acordo com [30]:

- espessura do tubo;
- o limite de escoamento real do tubo;
- a habilidade do operador em utilizar a máquina e o mandril;
- a origem do tubo e sua qualidade;
- o tipo do tubo. Solda espiral aceita normalmente apenas 75% da curva recomendada;

• o tipo de sela sendo utilizada (revestida com poliuretano ou com raio especial, por exemplo).



Figura 51 – Ilustração do curvamento pelo fabricante da máquina [30]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0521476/CA

### ANEXO II

A Figura 52 exibe fotos do processo de curvamento a frio de campo sendo executado por uma máquina curvadeira em tubos com revestimento externo.



(a) Máquina de curvamento



(c) Máquina de curvamento



(b) Vista latetal da máquina de curvamento



(d) Vista lateral máquina de curvamento



(e) Máquina com tubo com imobilizador



(f) Máquina com tubo posicionado



(g) Detalhe do imobilizador



(h) Máquina com tubo posicionado





(k) Detalhe do contato berço tubo



(m) Local onde o operador fica na máquina



(o) Máquina de curvamento Superior



(j) Contato berço tubo



(l) Mangueiras do madril pneumático



(n) Comando da máquina



(p) Tubo sendo posicionado pelo Side boom



(u) Continuidade do processo de curvamento (v) Curvamento do trecho final do tubo Figura 52 – Fotos do processo de curvamento

A próxima sequência de fotos da Figura 53 mostra mais detalhes da curvadeira.



(a) Máquina de curvamento a frio



(b) Vista frontal da sela



(c) Vista da máquina
 (d) Detalhe do berço
 Figura 53 – Fotos da máquina de curvamento a frio de campo

A Figura 54 mostra o mandril pneumático utilizado internamente ao tubo durante o processo de curvamento.



(a) Mandril posicionado na curvadeira



(c) Sapatas do mandril



(b) Mandil pneumárico



(d) Detalhe do contato da sapata

Figura 54 - Mandril penumático

### A Figura 55 mostra sequência do processo de curvamento.



(a) Movimentação do tubo



(c) Realização de inspeção



(e) Tubo sendo curvado



(b) Introduzindo o tubo na curvadeira



(d) Operador curvando o tubo



vado (f) Tubo curvado Figura 55 – Sequência do curvamento de um tubo

A sequência de fotos da Figura 56 mostra tubos curvados pelo processo de curvamento a frio.



(a) Parque de tubos curvados



(b) Tubo curvado

(c) Tubo revestido curvado

Figura 56 – Tubos curvados pelo processo de curvamento a frio de campo

Tubos curvados pelo processo de curvamento a frio com presença de enrugamento são mostrados na Figura 57.



(a) Enrugamento formado



(b) Enrugamento formado



(c) Enrugamento formado
 (d) Enrugamento visto pelo lado interno do tubo
 Figura 57 – Tubos curvados com presença de enrugamento